

Alain RABATEL. *Pour une lecture linguistique et critique des médias. Empathie, éthique, point(s) de vue.*  
Limoges: Lambert-Lucas, 2017. 520 pp.  
ISBN 978-2-35935-194-1

Isabel Margarida Duarte  
iduarte@letras.up.pt  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Alain Rabatel é Professor de Ciências da Linguagem na Universidade de Lyon 1 Claude Bernarde a sua investigação integra-se no laboratório ICAR (*Intérazions, Corpus, Apprentissages, Représentations*). O seu domínio de investigação é a Linguística da Enunciação e a Análise do Discurso e tem trabalhado sobretudo as questões do ponto de vista, do “*effacement énonciatif*”, da argumentação indireta, da referenciação, atribuindo uma importância central aos efeitos pragmáticos e interpretativos dos mecanismos enunciativos e linguísticos estudados, como se refere na contracapa do livro.

Neste volume de 520 páginas, o autor faz um apanhado do que de mais relevante escreveu sobre o discurso dos *media*, um objeto de análise que atravessou todo o seu percurso de pesquisa, tendo como enquadramento teórico a Linguística da Enunciação, a Análise do Discurso e a Linguística Textual. O livro dirige-se, em primeiro lugar, segundo palavras do próprio autor, aos analistas do discurso dos *media*. Mas procura também ter, como público-alvo, os linguistas, mostrando, aos que trabalham noutros quadros teóricos, a vantagem de investigar a partir de *corpora* complexos e a possibilidade de transpor, para outros objetos de análise, alguns instrumentos teóricos usados com os discursos dos *media*. Dirige-se, por fim, aos especialistas da área das ciências sociais e humanas que se ocupam de textos, mas sem se preocuparem com a respetiva materialidade linguística, pensando que a língua é transparente, procurando demonstrar-lhes a importância fulcral de analisarem os mecanismos linguísticos de que se constroem os discursos.

Espelhando muito do que tem sido o contributo de Rabatel para a área em causa, o livro tem uma primeira parte em que avança várias propostas teóricas e uma outra, mais empírica, em que analisa exemplos concretos, de várias perspetivas. Muitos textos já publicados pelo autor fazem parte deste livro, embora por vezes alterados, completados e atualizados. É o que acontece com os da primeira parte “Propositions théoriques” (da p. 41 à 189), em que volta aos seus temas de eleição: o ponto de vista, a construção da empatia, as noções de “prise-en-charge, quasi prise-en-charge, prise en compte”, a questão das responsabilidades enunciativas. Como o próprio autor anuncia, o livro vai defender uma tese: “[...] les médias requièrent une véritable analyse – et non des vitupérations ou des discours de connivence” (p. 11). E é este programa que Rabatel leva a cabo, sobretudo porque, além de retomar e aprofundar os temas teóricos de que sempre se ocupou, também analisa, linguisticamente, textos dos *media* à luz dessas questões. Problematisa-as, nessa primeira parte teórica, com grande complexidade, o que torna alguns dos oito capítulos, por vezes, difíceis de ler e a argumentação do autor difícil de seguir, mas, como Rabatel defende no livro, devemos recusar o reducionismo que procura esbater a complexidade, com a desculpa de que temos sempre de dominar todos os assuntos. Assim, se os problemas são complexos, como a noção de “prise-en-charge”, por exemplo, devemos encarar todos os vetores dessa complexidade, porque a sua elucidação nos ajudará a melhor compreendermos os textos e os desafios que a respetiva leitura provoca. Dado que a relação entre textos, ética, política e jornalismo é múltipla, mais necessária se torna a análise do discurso dos *media*. Sendo complexa a construção argumentativa dos textos jornalísticos e a sua relação com o real extralinguístico (fontes, poder, donos dos *media*, etc.), terá de ser minuciosa e informada a análise que delas der conta.

A abrir o volume, além de uma Introdução de 15 páginas, Alain Rabatel inclui uma extensa entrevista dada a Michèle Monte, para a revista *Mots. Les langages du politique* (2017), em que faz uma espécie de balanço da sua investigação na área dos *media*, lançando, ao mesmo tempo, alguns desafios futuros que têm em conta o comprometimento e a responsabilização da análise enunciativa do discurso jornalístico, em prol da democracia e da empatia pelos invisíveis, aqueles que não têm voz. É quase uma espécie de

testamento intelectual, ou de passagem de testemunho, tom que percorre todo o livro, o que explica também a sua extensão. A conclusão, muito breve, tem mesmo o nome “Conclusion en forme d’envoi ou de passage de relai”. A localização de temas e autores dentro da obra é facilitada pelos dois índices finais: *Index nominum* e *Index rerum*. Talvez devido ao cariz de balanço que este livro tem, o autor sublinha, várias vezes, o lado eminentemente político da interpelação ética que faz à noção de responsabilidade coletiva. Esta reflexão é tanto mais urgente e útil quanto atravessamos tempos de crise da ética jornalística em que o jornalismo de expressão levou a melhor sobre o jornalismo de investigação. Alain Rabatel estuda os problemas ligados à deontologia e à responsabilidade jornalísticas a partir de discursos dos *media*, mas atentando, finalmente, em mecanismos enunciativos e linguísticos concretos. Faz isso tendo em conta, simultaneamente, alguma autonomia relativa da esfera dos discursos e a respetiva articulação “avec une réalité extradiscursive qu’ils contribuent à façonner (et inversement)”, o que implica perceber “la responsabilité énonciative du producteur des messages.” (p. 22).

Nas segunda, terceira e quarta partes do volume, o autor inclui estudos de caso, análises concretas de textos dos *media*, mas olhados, em cada uma delas, de um determinado ângulo de análise. Assim, na Segunda Parte – “Les médias, sujets et objets de la critique” (pp. 193-295) -, Alain Rabatel analisa vários documentos e *corpora* a partir de algumas das questões teóricas apresentadas na Primeira Parte. Mostra como o “effacement énonciatif”, a apresentação não equilibrada das informações, os jogos com implícitos, por exemplo, têm consequências objetivas nas instruções que os textos dão aos leitores. Apenas dois exemplos: cruzando enunciação e responsabilidade, e tendo em conta o apagamento da pessoa do autor e os problemas de responsabilidade enunciativa, trata de uma página do jornal *Le Monde* aquando da campanha eleitoral para o referendo europeu (pp. 192-204); analisando debates políticos na televisão (o debate entre os candidatos socialistas em 2006), Rabatel equaciona o problema da responsabilidade coletiva e da ética do debate político (pp. 205-221). As suas análises, geralmente muito minuciosas, podem ocupar-se apenas de um texto, mas em profundidade, analisando, então, o título, subtítulos, imagem e *layout*, e, não apenas o dito, mas também diferentes tipos de pressupostos e subentendidos, para

usar a terminologia que o próprio utiliza, a partir de Ducrot (1973) e de Kerbrat-Orecchioni (1986), como quando analisa um artigo do *Le Parisien* (de 23 de janeiro de 2014) sobre uma visita de François Hollande a uma amiga. Esta análise pormenorizada é feita parágrafo a parágrafo e a partir de vários indícios linguísticos, nomeadamente sintáticos e enunciativos (como a saliência decorrente da ordem não habitual dos constituintes na frase, as consequências, para a interpretação, do uso de determinantes definidos em vez de indefinidos, por exemplo) e não apenas lexicais. Alain Rabatel mostra como a construção da referência (outro dos seus temas preferidos) deixa perceber o ponto de vista do enunciador sobre os implícitos, inferências e subentendidos, mesmo quando o dito enunciador não formula nenhuma opinião sobre eles (cf. p. 262). Acaba por demonstrar como, pretendendo, aparentemente, esclarecer o público leitor sobre o facto de a visita do Presidente ter sido ou não paga com dinheiros públicos, o jornal se compraz em adiantar um conjunto de comentários e informações sobre a vida privada de Hollande. Os últimos artigos da Segunda Parte estudam o fenómeno da crítica feita pelos *media* aos *media*, em que são postas em relevo estratégias argumentativas, quer por meio de léxico quer de estruturas sintáticas, com consequências para a orientação argumentativa dos textos.

Na terceira parte, “Émotions et empathie dans la reconstruction des événements” (pp. 299-376), Rabatel ocupa-se da forma como as emoções se manifestam do ponto de vista linguístico, mesmo quando, aparentemente, há uma neutralidade linguística, afinal inexistente. Por outro lado, o autor explica, com exemplos, o que entende por “mobilidade empática” e o respetivo papel argumentativo, como no caso do texto judicial estudado no cap. 17, sobre uma homicida vítima de violência conjugal e na crónica do *Le Monde* sobre o assunto. Também os textos produzidos sobre o “affaire” Dominique Strauss-Kahn e o caso dos suicídios na France Telecom permitem a Rabatel analisar miudamente alguns textos, com base na forma como a argumentação é construída discursivamente.

Na Quarta e última parte, “Citer (à comparâitre), dessiner les autres et se positionner par rapport à leurs points de vue” (pp. 379-448), o autor ocupa-se de questões metadiscursivas: o modo como os *links* para documentos anteriores permitem problematizar novas formas de citação multimodal, por exemplo. Temos assim, como Rabatel mostra, o uso de uma prova factual

(imagens vídeo, por exemplo), em apoio à argumentação do enunciador, tal qual uma citação literal em discurso direto, e, por vezes, como forma de desmentir ou de argumentar contra um outro discurso, inaugurando novas estratégias discursivas de polemizar e discutir. Assumir um ponto de vista com o qual não se está de acordo para, sem identificar o respetivo autor, o desmentir a seguir é outra das estratégias estudadas. Quando se propõe ter em conta a totalidade da materialidade linguística, tanto no que respeita aos elementos marcados como aos não marcados, Rabatel defende que a ausência de marcas pode ter tanto significado como a presença visível delas. A perspetiva teórica do autor, no âmbito da linguística enunciativa, permite-lhe analisar “[...] la construction des objets de discours (les référenciations, [...])” (p. 27) e nela perceber os pontos de vista dos enunciadores, mesmo quando não são muito explícitos.

Outro aspeto muito relevante desta obra é, pois, a chamada de atenção não apenas para os termos marcados linguisticamente mas também para os implícitos e os indícios e, sobretudo, para a respetiva co-ocorrência: o acumular de marcas de diferentes âmbitos linguísticos permite, frequentemente, perceber linhas de argumentação que atravessam os discursos analisados.

Quase no final, o autor interroga-se, com preocupação, sobre os efeitos ainda não estudados da oferta, pela Internet, de produtos semelhantes, até ideologicamente, aos que cada utilizador busca na rede, porque essa prática contribuiu para fechar cada um dos utilizadores ainda mais nas suas próprias opções, sem ter em conta outras propostas. Entretanto, chamando a atenção dos seus pares, acrescenta: “Mais ne devrait-on pas s’interroger aussi sur les dérives autistiques de pratiques scientifiques qui reviennent à ne discuter qu’avec ceux qui partagent les mêmes cadres théoriques, les mêmes hypothèses, les mêmes recherches?” (p. 450). E questiona quer o abandono da prática das recensões críticas por parte de muitas revistas, quer a proibição, por parte da direção de algumas, de um posicionamento crítico dos autores das recensões face à obra que apresentam. Como o autor escreve, na mesma página da citação anterior, “Rien ne doit échapper à la discussion”. Pode portanto parecer estranho que nesta recensão não se apresente nenhum tipo de posicionamento crítico em relação ao livro apresentado. Essa ausência não decorre, obviamente, de nenhum tipo de censura da parte da direção da revista *Linguística*. Decorre, em primeiro lugar, de haver uma coerência

muito grande entre o que o autor defende teoricamente, os conceitos complexos que procura operacionalizar na primeira parte do livro e as análises empíricas que depois faz, utilizando-os, nas restantes três partes. Decorre, ainda, de o posicionamento ético do autor, enquanto investigador, revelar também uma grande coerência entre as análises que faz dos textos dos *media* e o que a si próprio e aos seus pares linguistas exige. E decorre, por fim, da coerência na defesa do equilíbrio entre a recusa da simplificação e a proposta de atenção a outras disciplinas e seus saberes.

#### REFERÊNCIAS

- Ducrot, O. 1973. Les pré-supposés, conditions d'emploi ou éléments de contenu?. In: Rey-Debove, J. (Ed.). *Recherches sur les systèmes signifiants*. La Haye: Mouton, 243-258.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 1986. *L'Implicite*. Paris: Armand Colin.
- Monte, M. 2017. Entretien avec Alain Rabatel. Pour une analyse énonciative engagée et responsable des discours médiatiques. *Mots*. 113: 117-132.